

FAMÍLIA COMBONIANA

NOTICIÁRIO MENSAL DOS MISSIONÁRIOS COMBONIANOS DO CORAÇÃO DE JESUS

N.º 786

Junho de 2020

DIRECÇÃO-GERAL

Primeiras profissões

SARH (Chade) (11) – 3 de Maio de 2020

Esc. AGNIMAKA Kodjovi Abraham (TGB)

Esc. AGUIAR Vignon Michel (TGB)

Ir. ATAKPA Baïssa Marius (TGB)

Esc. AWUDI Atsu Augustine (TGB)

Esc. KAMBALE Sivihwa Olivier (CN)

Esc. KANGITE Wolima François d'Assise (CN)

Esc. KONOSI Atambanakabange André (CN)

Esc. MWEZE Zahinda Mathieu (CN)

Esc. N'GBOLO-MECKO Christ-Jordy Larry (RCA)

Esc. OUSSOU Gbèmahossou Saturnin (TGB)

Esc. SAKEDAKA Ouassoum Vendvyver-Jospin (RCA)

ISIRO-MAGAMBE (Congo) (1) – 9 de Maio de 2020

Esc. BEYOKOMU Anotengo Remy (CN)

XOCHIMILCO (México) (5) – 9 de Maio de 2020

Esc. ROMERO CHAJON David Eduardo (PCA)

Esc. BAUTISTA RAMOS Ivan de Jesús (M)

Esc. HERNÁNDEZ CRUZ José Manuel (M)

Esc. BEDOYA PATIÑO Luis Felipe (COL)

Esc. MORALES BOLÍVAR Yeison Olivo (COL)

NAMUGONGO (Uganda) (14) – 23 de Maio de 2020

Esc. ATARA Abebayehu Joseph (ET)

Esc. TWESIGYE Andrew (U)

Esc. ABABA Biruk Haileyesus (ET)

Esc. OLUPOT Christopher (U)

Esc. GAMA Felix Blessings (MZ)

Esc. OUMA Joseph (U)

Esc. BWALYA Kennedy (MZ)
Esc. WANYAMA Mark Musungu (KE)
Esc. MWABA Mathews (MZ)
Esc. MUTHEU Moses Mwatunge (KE)
Esc. MWILU Nicholas Mbithi (KE)
Esc. OCEN Moris Paul (U)
Esc. TAP Simon Yomkuey (SS)
Esc. MULIZA Vincent James (MZ)

NAMPULA (Moçambique) (4) – 23 de Maio de 2020

Esc. ADRIANO Agostinho Lapuia (MO)
Esc. FELIZARDO Azevedo (MO)
Esc. FIDÉLIO Artur (MO)
Esc. RONALDO Mateus Mulima (MO)

Ordenações

P. Opiyo Constanz (U) Lacor-Gulu (UG) 30/05/2020

Comunicação do Conselho Geral

O CG comunica que o Curso dos Idosos previsto de 3 de Setembro a 29 de Outubro é adiado para data a fixar em 2021.

O encontro do Fórum Social Comboniano sobre a Ministerialidade, fixado para 12-16 de Dezembro de 2020, pelo contrário, confirma-se para a mesma data.

Livro do P. Siro Stocchetti

O P. Siro Stocchetti publicou em quatro línguas (inglês, espanhol, português e francês) o livro «A Interioridade», que será enviado às nossas casas de formação. Uma editora está interessada em publicar a versão italiana. A publicação precedente do P. Stocchetti, «A Autoestima», está disponível em cinco línguas. Quem estiver interessado, pode entrar em contacto com o P. Stocchetti, através do correio electrónico (siro.stocchetti@gmail.com).

Prémio Bellarmino

O P. Victor Manuel Aguilar Sánchez recebeu o Prémio Belarmino pela sua tese de doutoramento: «Corpus Nestorianum Sinicum» (uma parte da tese foi publicada no MCCJ-Bulletin 280, Julho 2019, pp. 57-68). O Prémio Belarmino foi instituído pela Pontifícia Universidade Gregoriana para estimular a pesquisa científica e promover as duas melhores teses de

doutoramento defendidas no curso de cada ano académico. A decisão de premiar a tese do P. Victor foi tomada a 30 de Abril de 2020 pelo Gabinete do Vice Reitor Académico e pela Comissão encarregada de avaliar as candidaturas, depois de uma aprofundada avaliação do trabalho de pesquisa desenvolvido por cada um dos candidatos.

A cerimónia de entrega dos prémios teve lugar em Roma, na Universidade Gregoriana, dia 25 de Maio de 2020, com uma ligação via Youtube de modo a permitir ao P. Victor Aguilar que trabalha em Macau, na China, assistir à cerimónia de entrega do prémio juntamente com os seus confrades, familiares e amigos. Foi o Prof. Enryk Pietras, S.J., o relator da tese, a receber o prémio em nome do P. Victor.

Na tese sublinha-se que «atendendo à história do Cristianismo na China, apercebemo-nos como durante séculos os missionários se esforçaram por enfrentar os múltiplos desafios ligados à inculturação do Evangelho. Mais especificamente, durante as dinastias Yuan e Ming, podemos recordar os missionários franciscanos, dominicanos e jesuítas que se distinguiram nesta grande obra. Todavia, o Evangelho de Cristo tem raízes mais antigas, na missão dos monges sírios orientais que no início da dinastia Tang (618-907 d.C.) anunciaram pela primeira vez a história de Jesus ao povo chinês usando a língua chinesa».

A formidável tarefa desempenhada pela comunidade Jingjiao (que significa «religião da luz» ou «ensinamento luminoso») cronologicamente constitui o primeiro encontro entre a mensagem cristã e o povo chinês.

Todo o grupo de documentos produzido por este contacto é «convencionalmente» designado como Corpus Nestorianum Sinicum e dois documentos, “Thus Have I Heard on the Listening of Mishihe (the Messiah)” e “Discourse on the One God”, são o objecto directo da pesquisa doutoral. Em base às análises do texto original, o autor determinou os diversos estádios de desenvolvimento da sua composição e o contexto. O valor teológico do estudo concentra-se no reconhecimento, exposição e explicação dos conceitos trinitários, cristológicos e soteriológicos nos dois documentos.

Além disso, esta tese de doutoramento apresentou um rosto chinês do empreendimento pastoral e missionário desenvolvido pelos membros da comunidade Jingjiao, evidenciando o seu esforço para «compreender», «traduzir», «explicar» e «transmitir» a história de Jesus nas categorias chinesas.

Congratulações ao P. Victor Aguilar e parabéns pelo seu ensinamento e serviço pastoral no mundo chinês.

Obra do Redentor

Junho	01 – 07 ER	08 – 15 LP	16 – 30 P
Julho	01 – 15 KE	16 – 31 M	

Intenções de Oração

Junho – Para que, com o olhar fixo no Coração de Jesus, saibamos descobrir o Seu rosto em cada pessoa que encontramos, especialmente entre os mais pobres e abandonados. *Oremos.*

Julho – Para que os LMC nos seus próximos encontros continentais se deixem guiar pelo Espírito Santo para responder generosamente às necessidades das gentes que encontram nos vários países. *Oremos.*

CONGO

Incursão dos rebeldes

No curso dos últimos dez anos, a leste da diocese de Bondo, o LRA nunca cessou de semear terror, morte e insegurança. Desde Fevereiro deste ano, os rebeldes apoderaram-se da floresta das paróquias de Dakwa, Ango e Bili. No início de Maio, chegaram a 250 km de Bondo, perto de Bili. E a 20 de Maio, às sete da manhã, houve uma excursão na paróquia de Bambilo, a 170 km de Bondo, missão que entregámos à diocese em Fevereiro deste ano.

Não se sabe qual o número de pessoas raptadas e nem mortas porque muitos fugiram para os campos. Mas os rebeldes levaram víveres e saquearam casas, o Centro de Saúde «P. Senén» e a missão onde os Combonianos trabalharam desde 1999; entre estes o P. Senén Gandara, o P. Elio Farronato, o P. Claudino Ferreira, o Ir. Santo Bonzi, o Ir. Ivan Cremonesi. O Centro de saúde e a missão foram saqueados e destruídos. Perguntamo-nos por que razão esta parte do Congo é desde há tantos anos vítima de tanta violência e negligência.

Nestes dias chegaram a Bondo alguns militares das forças da RDC, mas sem equipamento militar. Quanto tempo durará ainda o terror que o LRA continua a semear na nossa diocese de Bondo? (*P. Pedro Indacochea*).

UGANDA

A experiência durante a pandemia da covid-19

O ministério da Saúde ugandês efectuou até ao momento cerca de doze mil testes à covid-19. Foram assinalados 85 casos positivos e, depois do tratamento, 52 pessoas ficaram completamente restabelecidas. De notar que os dois grupos mais numerosos daqueles que resultaram positivos foram os repatriados vindos do estrangeiro e os motoristas de transporte internacional.

O País estava em estado de alerta desde o início do mês de Março; dia 17 de Março, o presidente do Uganda anunciou as primeiras medidas severas para travar uma possível difusão do vírus: encerramento de todas as escolas e instituições de ensino, fecho das actividades comerciais à excepção das lojas de géneros alimentares e dos centros de saúde, limitação das viagens. Em seguida, foram postas em acção outras medidas, como a restrição da circulação das pessoas, excepto em caso de emergência, o encerramento do único aeroporto internacional e de todas as fronteiras. O transporte de mercadorias, tanto por via terrestre como por via marítima, puderam continuar.

As pessoas mais afectadas são as que têm rendimentos mais baixos, que não conseguem levar por diante as simples actividades com que normalmente ganham a vida; o governo determinou medidas para fornecer um pouco de alimento às famílias mais vulneráveis. Todas as estruturas sanitárias estão em alerta máximo. Estamos orgulhosos dos confrades da província directamente envolvidos nos hospitais e nos serviços médicos, sobretudo nos hospitais de Lacor (diocese de Gulu) e de Matany (diocese de Moroto).

Nas nossas paróquias, as celebrações litúrgicas e as outras iniciativas pastorais públicas foram suspensas uma vez que foram proibidos todos os encontros públicos. Uma missão que se ressentiu com isto de forma particular foi a de Kasaala (diocese de Kasana-Luweru). A paróquia previa celebrar os seus 75 anos de actividade a 21 de Março de 2020. O presidente do País deveria participar na cerimónia e fervilhavam já os preparativos para uma grande celebração. Infelizmente, enquanto inicialmente parecia que a cerimónia pudesse realizar-se, precisamente na véspera da celebração a paróquia foi informada de que não era possível efectuar a celebração e que as directrizes presidenciais tinham de ser respeitadas à letra.

Por outro lado, porém, a experiência do isolamento levou a um renascimento de iniciativas que, num certo sentido podem ser definidas como providenciais. Em primeiro lugar, a adoração quotidiana do Santíssimo Sacramento foi proposta a todas as comunidades e amplamente ouvida. Um confrade partilhou a sua experiência recordando

que, antes da covid-19, raramente encontrava tempo para a oração do meio dia do breviário que agora retomou. Numa comunidade, os confrades recomeçaram seriamente a actividade da jardinagem: foi organizada uma estufa e está a nascer um grande horto. O «dever» de estar juntos de algum modo reforçou e consolidou as comunidades. Três dos nossos confrades renovaram os seus votos e as celebrações foram de extraordinária simplicidade.

A situação comportou também desafios. Dois dos nossos confrades perderam respectivamente a mãe e o pai, mas não puderam deslocar-se a casa para o funeral. O Conselho provincial não teve possibilidade de reunir-se fisicamente, mesmo se existem questões urgentes a tratar. Os confrades que tinham de sair da província, sobretudo por motivos de saúde, tiveram de adiar a sua viagem. Graças a Deus, contudo, a Província não teve até agora casos de emergência.

Neste momento, entre outras coisas, estamos a aprender novos modos de chegar até às pessoas e é uma vantagem também para o futuro. Os meios de comunicação social têm um papel importante na comunicação entre nós e com as comunidades cristãs. Ajudam-nos a avaliar como formámos espiritualmente as pessoas tendo presente que a família deve ser a célula fundamental da Igreja.

Primeiras profissões

Sábado, 23 de Maio de 2020, na sede do Noviciado de Namugongo, catorze confrades emitiram a sua primeira profissão religiosa. O P. Achilles Kiwanuka Kasozi, provincial do Uganda, recebeu os votos.

Quatro deles são ugandeses: Andrew Twesigye, Joseph Ouma, Moris Paul Ocen e Christopher Olupot e dia 26 de Maio deixaram o noviciado para ir ter com as suas famílias para o período das férias.

Os outros dez escolásticos, Abestayehu Tefera Atara Joseph, Biruk Girma Ababa Haileyesus, Felix Blessings Gama, Kennedy Bwalya, Mark Musungu, Mathews Mwaba, Moses Mwatunge, Nicholas Mbithi Mwilu, Simon Yomkuey Kueth Tap e Vincent James Muliza permanecerão na comunidade de Namugongo até à abertura das fronteiras. Embora não seja fácil ter dez novos professores numa comunidade sem um programa de vida específico, veremos como adaptar-nos a este novo cenário. (*P. Sylvester Hategék'Imana*)

P. Marcello Vulcan (23.11.1937 – 05.04.2020)

Marcello, sexto de onze filhos, nasceu em Palù di Giovo, na província de Trento, dia 23 de Novembro de 1937, filho de Carlo e Carmela Brugnara. Desde criança revelou boa índole, sempre feliz e sorridente; distinguia-se dos outros pela sua pacatez e disponibilidade para com o próximo.

Em Outubro de 1946, o pequeno Marcello respondeu à chamada do Senhor e decidiu entrar no seminário, com os Missionários Combonianos na casa de Muralta em Trento. Fez o noviciado em Gozzano e em Sunningdale, Inglaterra (1954-59), onde emitiu os primeiros votos a 9 de Setembro de 1956. Para o escolasticado, foi para Venegono Superior (1959-61) e Verona (1961-63), onde fez os votos perpétuos a 9 de Setembro de 1962. Foi ordenado sacerdote a 30 de Março de 1963 em Verona. Domingo 14 de Abril do mesmo ano, celebrou a sua Primeira Missa em Palù di Giovo: «Os conterrâneos tinham trabalhado activamente: o caminho principal da terra e a praça diante da igreja, foram embandeirados para a festa. O Padre Marcello foi acolhido à entrada da área habitada por toda a população».

Depois de um ano em Carraia na animação missionária, foi destinado ao Uganda e aí permaneceu dez anos. Desenvolveu o seu ministério em Aduku e em Lira-Ngeta. Em 1970-71 fez um curso de especialização de Catequética em Londres. Depois regressou ao Uganda detendo-se em Icene por seis meses, em Lira-Ngeta por dezoito meses e em Aliwang por cerca de dois anos.

Em Fevereiro de 1974 foi destinado ao Quénia, encarregado principalmente das paróquias: dois anos em Gilgil, dois anos em Naivasha, um ano em Katilu, um ano em Nairobi (Kariobangi), sete anos em Tartar como ecónomo local, e depois quase três anos novamente na paróquia de Katilu.

«Tanto no Uganda como no Quénia foi estimado pelo povo, porque se empenhava muito por ele; nunca estava parado, visitava todas as capelas, estava sempre em viagem para encontrar-se com os seus fiéis, sobretudo os que viviam em dificuldade», são palavras do padre Teresino Serra, superior da Casa Mãe de Verona. «Pessoa inteligente, humilde, sensível. Era bom, gentil, acolhedor, pelo que a gente recorria frequentemente a ele; sempre sorridente, muito serviçal, disponível para com o próximo, recebia todos indistintamente».

Em Julho de 1991, o P. Marcello é transferido para Itália. Ficou quatro anos em Trento na animação missionária, depois passou um período de seis anos fora da comunidade. Reentrado, foi mandado para Cordenons, onde ficou cerca de cinco anos, com um intervalo de dois anos no

Uganda. Em 2007 foi destinado à comunidade de Luca, onde passou quase treze anos.

O P. Antonio Solcia, que viveu com ele os últimos anos, no seu testemunho relata: «O P. Marcello tinha conhecido, admirado e seguido o exemplo de D. Milingo, numa espécie de exorcismos sobre diversas pessoas. Esta sua actividade, em que acreditava firmemente, tinha-lhe causado também dolorosas experiências com as autoridades eclesiásticas. Aqui em Luca encontrava muitas pessoas, para estes “exorcismos”, mas o

P. Marcello era muito reservado e nunca falava disso. As pessoas eram-lhe gratas e vinham ter com ele mesmo de longe. No nosso primeiro encontro de comunidade comboniana com o novo bispo, D. Paolo Giulietti, este tinha ouvido falar desta sua actividade e convidou-o a falar disso com ele, prometendo-lhe o encargo oficial de exorcista diocesano».

O P. Marcello faleceu em Luca dia 5 de Abril de 2020 devido ao coronavírus. Dia 8 de Abril, com uma breve cerimónia fúnebre, foi sepultado em Verona no cemitério comboniano que faz parte do cemitério monumental da cidade.

P. Paolo Filippini (21.03.1926 – 09.04.2020)

O P. Paolo nasceu em Teglio (Sondrio), a 21 de Março de 1926, filho de Antonio e Eufemia. Entrou no noviciado dos Combonianos em Venegono (1943-45), onde emitiu a sua primeira profissão. Depois fez os primeiros dois anos de escolasticado em Rebbio (Como), um ano em Verona na Casa Mãe e três anos em Venegono, onde a 22 de Setembro de 1950 fez a profissão perpétua. Foi ordenado sacerdote a 19 de Maio de 1951 em Milão pelo cardeal Ildelfonso Schuster.

Depois de cerca de um ano em Zahle, no Líbano, para o estudo do árabe, foi mandado para Cartum (Sudão) para continuar o estudo da língua árabe (1952-53). Seguidamente, foi enviado para Mupoi, Sudão do Sul, de 1953 a 1959. Depois, por um par de anos foi para Bolonha, para a sede provincial, para a redacção da revista.

De 1961 até 2013 trabalhou sempre no Uganda, em várias missões: Arua-Ediofe (1961-1976), catedral de Gulu (1976-1982), paróquia de Awach (1982-84), para ministério nas paróquias de Opit, Kigumba, Parombo e Kalongo, no período de 1984-2013. Aprendeu assim também diversas línguas, além do italiano, conhecia, como ele mesmo elencava, inglês, árabe, Kiswahili, zande, alur, acioli, etc.

O P. Filippini trabalhou deveras como «pedra escondida». Temos poucas notícias sobre ele. Do seu longo período no Uganda, temos só uma carta, escrita em 1965 por um seu confrade, o P. Giuseppe Calvi (falecido em 2011), da qual transparece a confiança e a amizade que ligavam os dois missionários. Transcrevemos um trecho: «A última vez que nos escreveu encontrava-se com a família em Teglio; esperamos que o bom vinho da Valtellina lhe tenha feito bem. E a sua dor de cabeça? Quando volta? Se julga poder voltar, esteja certo de que não oporei a mínima dificuldade, pelo contrário ficarei feliz que nos venha ajudar. Aqui em Angal haveria que assistir regularmente os doentes do hospital. Haveria que cuidar a liturgia e o canto e depois o ministério ordinário aqui na missão. Não lhe daremos trabalhos pesados em safari para não o expor a recaídas. Dentro de alguns meses, o P. Fiorante e o P. De Tommasi deverão ir para Parombo para abrir a nova paróquia. Portanto, você viria fazer-nos companhia e ajudar-nos no nosso trabalho diário. Estou convicto de que se um padre vem trabalhar na missão, mesmo só por dois ou três anos, vale sempre a pena a despesa que comporta; se se põe tão-somente a questão do dinheiro para pagar a viagem, é um insulto à Providência impedir o bem que se pode fazer às almas mesmo só num ano: vale mais uma alma salva do que um bilhete de avião...».

Nos últimos anos, regressado da África por motivos de saúde, o P. Paolo viveu primeiro na comunidade de Rebbio (Como), e depois na de Milão, no Centro P. Giuseppe Ambrosoli, para tratamentos. Foi aqui que recebeu os parabéns do P. Tesfaye Tadesse, Superior Geral, pelos seus 75 anos de consagração temporária. Os mais próximos a ele referiram que passava grande parte dos seus dias a rezar na capelinha da casa, ou então entregue aos seus pensamentos e às recordações dos seus 93 anos de vida; era sempre sorridente e impaciente por relatar as suas aventuras, misturadas no tempo e no espaço e enriquecidas por muita fantasia.

O P. Paolo faleceu em Milão, dia 9 de Abril de 2020: «em ponta de pés, em silêncio, às portas do Tríduo Pascal, voltou a abraçar o Pai. O silêncio sempre o caracterizou, gostava de gestos concretos, em vez de muitas palavras. Aquele seu calar só era rompido pelos relatos da sua experiência no Uganda. Os relatos da sua missão eram relatos densos de rostos e fadigas: desde o serviço no hospital, em particular no serviço de obstetrícia, até à atenção às crianças e às famílias». *(do necrológio surgido no Site da paróquia Sant'Eufemia, de Teglio, Sondrio, diocese de Como)*

P. Anthony Wolstenholme (18.03.1924 – 02.05.2020)

Anthony Joseph Wolstenholme (“*Tony*” para a sua família) nasceu em Hawley Street Flats, no centro de Sheffield, a 18 de Março de 1924, de William Reginald e Elizabeth Theresa Mary, segundo de sete filhos.

Completado o ensino secundário, começou a trabalhar na «English Steel Corporatinon» como aprendiz de metalurgia. Em 1942, com a Grã-Bretanha no pleno da Segunda Guerra Mundial, atingidos os seus 18 anos, foi chamado para o serviço militar e incorporado na Marinha Real. Enviado para uma estação de escuta sobre um rochedo de trezentos metros nas Ilhas Faroé, para monitorizar os «comboios árticos» que atravessavam o Atlântico, aí permaneceu até ao final da guerra.

No fim das hostilidades, regressado a Inglaterra, Anthony adoeceu gravemente devido a uma infecção que, partindo do nariz, provocou um significativo inchaço no cérebro. Foi transferido para o Royal Naval Hospital de Plymouth, onde não se esperava que sobrevivesse e foi ali que, ao que parece, disse aos membros da sua família, chamados à sua cabeceira, que se se restabelecesse completamente seguiria a sua vocação ao sacerdócio. E foi precisamente o que aconteceu. Entrou na Champion House de Osterley (West London), um pré-seminário jesuíta que tinha o objectivo de ajudar as vocações adultas.

Foi em Osterley que Anthony encontrou pela primeira vez os Padres de Verona (como eram então chamados os Combonianos), uma vez que um dos seus recrutadores, o P. Filiberto Polato, da vizinha comunidade de Sunningdale, era um assíduo frequentador da Champion House. Anthony expressou o desejo de ser sacerdote missionário em África e pediu para se unir aos Combonianos. Foi aceite no Noviciado de Sunningdale em Agosto de 1949 e fez os primeiros votos aos 27 anos, a 9 de Setembro de 1951. Continuou os estudos filosóficos em Sunningdale antes de se deslocar para o Escolasticado de Venegono Superior para prosseguir a sua formação teológica, em Julho de 1953. Foi ordenado sacerdote na Catedral de Milão dia 15 de Junho de 1957 pelo arcebispo (depois papa e santo) Giovanni Battista Montini.

Depois da ordenação, o P. Anthony ajudou durante um ano em Sunningdale antes de ser destinado às missões do norte do Uganda. Foi destinado primeiro à paróquia da Catedral de Gulu, onde permaneceu um ano, depois à missão de Warr (Weste Nile), antes de assumir, em 1961, o cargo de professor no Seminário para os jovens dedicado aos Santos Pedro e Paulo em Pokea, na periferia de Arua, onde ficou até Junho de 1965, quando as más condições de saúde o obrigaram a voltar para Inglaterra. Desde esse tempo e para o resto da sua vida, o P. Anthony ficou afectado por algumas «fobias», provavelmente como consequência

da sua experiência nas missões no Uganda, em particular o terror da sujidade e a necessidade de controlar repetidamente que de noite as portas exteriores estivessem bem fechadas à chave e as janelas correctamente fechadas. E, todavia, suportou tais dificuldades estoicamente, sem rancor ou queixumes, como era típico da sua natureza, gentil e desvelada. «Sinal evidente da sua indubitável santidade – escreve o P. Patrick Wilkiinson – o P. Anthony nunca permitiu que o seu distúrbio pesasse sobre os outros. Era a sua cruz, uma cruz que carregava sempre com um sorriso nos lábios».

Depois de um ano de convalescença junto da sua família em Sheffield, o P. Anthony voltou para Sunningdale onde, à excepção de um ano em Dumfries (1972-1973), passou os vinte anos seguintes, até Julho de 1988. Nos primeiros dez anos, grande parte do seu tempo e das suas energias foram dedicados ao ensino do inglês a quantos eram enviados para o Noviciado de Sunningdale ou aos confrades acabados de ordenar, que tinham sido destinados às missões da África Anglófona. O P. Anthony foi sempre um professor muito competente e popular.

A seguir à transferência do Noviciado e do estudo da língua inglesa de Sunningdale, o P. Anthony ofereceu-se para ajudar o P. Teodoro Fontanari no cuidado pastoral dos fiéis que frequentavam a nossa igreja do Sagrado Coração, sempre em Sunningdale. O seu modo tranquilo e modesto e a sua grande atenção pelos doentes e os idosos fizeram dele um pastor e um sacerdote muito amado.

Em 1988 foi-lhe pedido para se juntar à comunidade de Baillieston Road em Shettleston (Glasgow) e de dar uma ajuda no campo da animação missionária, antes de se transferir com a comunidade, em 1992, para a actual casa de Carmyle.

Por causa da sua saúde precária, o P. Anthony foi transferido, no início de 2014, para a «Nazareth House» de Cardonald (Glasgow), gerida pelas Irmãs de Nazareth, e depois, nos últimos seis anos, para a casa de repouso «St. Joseph's Retirement Home» com as Pequenas Irmãs dos Pobres, em Robroyston (Glasgow). Aqui, o P. Anthony partiu tranquilamente quando estava sentado no sofá, no seu quarto, pouco antes da uma da tarde de sábado, dia 2 de Maio de 2020.

P. Giancarlo Guiducci (06.03.1941 – 06.05.2020)

Giancarlo, filho de Francesco e Maria Aguzzi, nasceu em Corinaldo, província de Ancona e diocese de Senigallia, a 6 de Março de 1941, numa família de onze irmãos e irmãs. O pai era agricultor. Entrou ainda menino para os Missionários Combonianos, completando os estudos no Instituto. Em 1958-59 foi mandado para Sunningdale, Inglaterra, para o noviciado e Carraia (Luca) para o escolasticado (1959-61), depois para Trento (1961--63), onde foi também prefeito dos rapazes. Emitiu os votos temporários a 9 de Setembro de 1959 e os votos perpétuos a 9 de Setembro de 1965. Foi ordenado sacerdote em Verona a 26 de Junho de 1966. Durante três anos exerceu o seu ministério em Pesaro, como promotor vocacional.

Depois foi destinado ao Uganda por um período de oito anos (1969-1977) e ali exerceu o seu ministério como pároco em Matany e como pároco e superior local em Amudat.

Regressou a Itália, Roma, durante quatro meses para o Curso de Renovamento. Seguidamente, foi destinado por dois anos ao Quênia: a Sololo para o ministério e a Kacheliba como pároco.

Em 1980 regressou ao Uganda, à paróquia de Amudat, onde permaneceu até Julho de 1982, quando foi destinado de novo ao Quênia, onde permaneceu até ao final de 2017. No Quênia, desempenhou o seu ministério como pároco em Kapenguria, Kacheliba, Aamakuriat, Katilu, Kabichbich, depois novamente em Amakuriat, em Mogotio, em Kacheliba, em Nairobi (2013-2017) como formador dos Irmãos e em Kariobangi para o ministério.

Seguimos as suas palavras: «Comecei a minha vida missionária no meio desta tribo (Pokot) em 1971, primeiro no Uganda e depois no Quênia trabalhando quase sempre entre os Pastores Pokots. Em 1984, abrimos a missão de Amakuriat no extremo norte do território Pokot.

Proponho-vos uma simples reflexão dos meus dezoito anos de vida missionária. Este povo tem um carácter manso. O acolhimento e a integração de nós missionários no seu grupo foi muito boa, mesmo se não faltou uma certa resistência à novidade religiosa. Sentem muito forte o orgulho de pertencer ao próprio elemento que permanece também naqueles que vão em frente nos estudos. Economicamente são auto-suficientes, excepto nos casos de calamidades naturais. A nossa actividade

desenvolveu-se e continua a desenvolver-se em duas grandes direcções: a escola e a medicina. Constatei pessoalmente que estas duas vias conduzem ao coração dos Pokots. Ao início, a nossa actividade era seguida com indiferença, depois tocaram com a mão a solidariedade dos missionários

para com eles durante a carestia de 1980 e a cólera em 1981, quando os Padres e as Irmãs se prodigalizaram por eles. Um outro sinal de que chegamos ao “coração” dos Pokots é a reacção de muitos idosos à escola. Vêem-na como um elemento que põe em questão o seu sistema tribal. Na realidade os Pokots do Plano estão a mudar rapidamente. As nossas escolas ajudaram a criar um certo grupo de gente com uma mentalidade mais ampla, que pede uma educação mais aprofundada ao mesmo tempo que o grupo daqueles que estudaram se alarga cada vez mais. O primeiro sacerdote Pokot foi ordenado no ano passado. Em 1972 entrava no pré-seminário de Amudat onde então eu era pároco e “reitor”. Foi uma grande alegria para todo o povo e também um sinal de esperança. Um sorriso de simpatia para todos aqueles meus ex-rapazes que, hoje adultos, sofrem dentro de si o choque entre a mente pagã e a mente cristã que se torna cada vez mais clara e forte».

O P. Guiducci não era conhecido pelo seu nome, Giancarlo, – escreve o P. Tomas Herreros Baroja – mas o seu apelido «tornou-se tão popular que alguns meninos receberam o nome “Guiducci” no seu baptismo, e isto era devido à sua disponibilidade constante e à sua generosidade. Nos anos da cólera, depois da queda de Idi Amin, e de caos, a gente recebia como ajudas alimentares milho, feijão, farinha de batata e óleo vegetal e este óleo era chamado “guiducci” como também as latinhas que eram utilizadas como unidades de medida, pelo que a gente, quando ia comprá-lo, pedia “três guiducci de milho”.

O P. Guiducci era sempre afável, o companheiro ideal, que acolhia todos, que dava um bom conselho com palavras adequadas e que não tinha rancor, era um homem fiel à amizade, tão fiel que fez quase uma aliança com o povo Pokot, sem deixar de ser amigo dos Karimojong».

«Era um homem de grande talento e praticidade – escreve o Ir. Friedbert Tremmel – sempre pronto a dar assistência às gentes e aos confrades de muitos e diversos modos. Para mim era um amigo paterno que dava as suas opiniões e os seus conselhos com sentido de compreensão e de humildade. Os habitantes de Amudat, Amakuriat e Kacheliba recordam-no como um missionário muito empenhado e laborioso, com um grande coração perante as suas preocupações e necessidades».

Regressado nos inícios de 2018 a Itália por razões de saúde, trabalhou em Pesaro, no centro de formação permanente e de animação missionária durante mais de um ano, e depois em Pádua, no postulante, na animação missionária e na reitoria, até à sua morte, ocorrida a 6 de Maio de 2020.

P. Romualdo Anselmi (07.02.1930 – 14.05.2020)

Nasceu em Selva di Progno, província de Verona, a 17 de Fevereiro de 1930. Fez o noviciado em Gozzano onde emitiu os primeiros votos a 9 de Setembro de 1953 e o escolasticado em Viseu, onde emitiu os votos perpétuos a 9 de Setembro de 1955 e foi ordenado sacerdote a 25 de Março de 1956.

O P. Romualdo exalou o último suspiro aos 90 anos. Tinha trabalhado em Moçambique mais de cinquenta anos, de 1959 a 2014, com uma curta interrupção de cinco anos em Pádua, como animador missionário. No final da sua vida, cada vez que ia visitá-lo, a Castel d’Azzano, vi-o sempre muito sereno e feliz, recordando com nostalgia (“saudade”) o seu Moçambique. O P. Romualdo é um daqueles missionários, quase todos já regressados à casa do Pai, que viveu em Moçambique em tempos de grandes mudanças: durante o governo colonial português, a independência e a tomada do poder de um governo marxista-leninista (FRELIMO), a guerra civil durante dezasseis anos e o fim da guerra. Tempos difíceis, que requeriam um forte espírito missionário e uma vocação com raízes profundas no Senhor da História. Condição essencial para se inserir nesta missão era conhecer bem a língua, o português, e o macua, a língua local, que o P. Romualdo falava fluentemente.

Depois de alguns anos em Portugal para aprender o português e dar uma mão à nova presença comboniana em Lisboa, partiu para Moçambique onde foi destinado à primeira missão comboniana naquele país, Mossuril, junto à praia do oceano Índico, perto da ilha de Moçambique. A área da missão era predominantemente muçulmana, como o é ainda hoje, e o trabalho missionário de evangelização não era nada fácil e centrava-se sobretudo na escola, onde eram admitidos todos aqueles que o desejavam, cristãos e muçulmanos.

Depois da independência do país em Julho de 1975, o P. Romualdo inseriu-se na escola do Governo, na missão de Netia, onde tudo tinha sido nacionalizado: escola, igreja, casa dos missionários e todos os edifícios da missão. Recordo tê-lo encontrado naquela missão, sozinho como missionário comboniano, junto à comunidade das irmãs combonianas. Era o tempo das «equipas missionárias», ou seja, das comunidades de missionários combonianos que, juntamente com as irmãs combonianas ou de outros institutos, a exemplo das comunidades cristãs primitivas, punham os bens em comum, rezavam e programavam juntos o trabalho pastoral.

O P. Romualdo trabalhou nesta missão durante doze anos ininterruptos, em plena guerra civil. A escola tinha-se tornado a sua paixão e a sua missão principal. Sentia-se bem com os estudantes aos quais procurava ensinar também os valores do Evangelho, através de filmes formativos que projectava durante o fim de semana ao ar livre, sobre a grande parede exterior da igreja, então usada também como dormitório. Transferido para uma outra missão, Alua, trabalhou também ali na escola do governo continuando a levar por diante o seu sistema de educação integral, transmitindo aos estudantes os valores evangélicos, mesmo se o sistema governativo era marxista-leninista. Em Alua, além da escola, o P. Romualdo tinha a seu cargo o centro de pastoral da zona de Erati (as missões de Alua, Namapa e Nacaroa), onde os leigos empenhados em vários ministérios pastorais eram formados e preparados para o seu trabalho específico: celebração da Palavra, catequeses, funerais, mulheres, caridade, doentes, etc.

Durante o período em que estava empenhado na escola, dedicava o fim de semana ao trabalho pastoral directo, visitando as comunidades cristãs, juntamente com as Irmãs, entretendo-se com as gentes e celebrando com eles a alegria da fé.

O P. Romualdo era um homem de poucas palavras, mas era uma pessoa serena, obediente, que aceitava de boa vontade os serviços que lhe eram pedidos, desenvolvendo-os com dedicação e competência. Era também um homem muito prático. Em momentos em que não havia muitos recursos, em particular em tempo de guerra, a missão impelia os missionários a «desembaraçar-se» e a fazer muitos sacrifícios de manutenção: veículos, luz, água, reparações, construções, etc. O P. Romualdo era muito competente nestes serviços e também como ajuda nas construções de escolas e capelas que se levavam por diante na missão. E fazia-o com paixão e diligência.

Pensando na vida do P. Romualdo veio-me à mente a poesia de D. Tonino Bello «Maria, donna feriale», inspirada na frase do Vaticano II sobre Maria: *Maria vivia na terra uma vida comum a todos, cheia de cuidados familiares e de trabalho* (AA 1). Durante cinquenta anos, o P. Romualdo fez causa comum com as gentes, com o povo de Moçambique, com a Igreja local, com os confrades, em tempo de paz e em tempo de guerra. Nunca se poupou. A devoção a Maria, sobretudo à Senhora de Medjugorge, estava muito presente na sua vida. As atitudes de Maria, uma mulher trabalhadora, podem sintetizar a sua vida, vivida com naturalidade e com muita diligência pelo bem das gentes e daqueles que viviam ao seu redor, inspirando confiança, fidelidade e perseverança,

mesmo em tempos verdadeiramente adversos. (*P. Jeremias dos Santos Martins, mcccj*)

Oremos pelos nossos defuntos

- * **O PAI:** Gabriel, do P. John Peter Alenyo (U).
- * **A MÃE:** Anne Marie, do P. Justin Dossou-Yovo (U); Azucena do P. Janito Joseph Aldrin Palacios (RSA), Letesilassie, do P. Sebhatleab Ayele Tesemma (ET); María Pilar, do P. Enrique Bayo Mata (E), Virginia, do P. Mario Cerda Contreras (M).
- * **O IRMÃO:** Graziano (falecido há uns dias) e Arnaldo (falecido há uns meses), do P. Erminio Pegorari (†); Freddy, do P. Pedro Percy Carbonero Mogollón (PE); Muke Bwakyanda, do P. Kasereka Amini Wasingya (TCH); P. Giacomo (saveriano), do P. Alberto Doneda (I).
- * **A IRMÃ:** Annamarta, do P. Antonio Campanini (P); Bice, do P. Renato Rosanelli (I).
- * **AS IRMÃS MISSIONÁRIAS COMBONIANAS:** Ir. Emilia Maria Grassi, Ir. M. Matilde Montanari.

